
O CIO DO SOM E O SENTIDO DA TERRA NA OBRA DE PENA BRANCA & XAVANTINHO

Estudante(s): Mariana Ribeiro de Paiva (mariana.paiva@estudante.iftm.edu.br)
Gabrielle Oliveira (gabrielle.oliveira@estudante.iftm.edu.br), Yasmin Miranda de
Oliveira (yasmin.miranda@estudante.iftm.edu.br)

Orientador: Dr. Márcio Bonesso (marciobonesso@iftm.edu.br)

Escola: IFTM *campus* Uberlândia-centro

Resumo

Essa pesquisa teve como objetivo principal estudar os agrupamentos de coletivos que formam as músicas regionais do Triângulo Mineiro, focando na obra de Pena Branca & Xavantinho. Com objetivos específicos a pesquisa criou uma conexão de sentido entre: 1) etnografar as criações musicais de poetas e compositores mapeando as temáticas de suas criações, através de suas produções fonográficas (CD's, DVD's, Lives, Canais em Plataformas Digitais); 2) etnografar as interações simbólicas entre os múltiplos agentes sociais envolvidos no gênero musical. A pesquisa esteve situada dentro de um projeto mais amplo envolvendo alunos do IFTM campus Uberlândia-centro desde 2017. A problemática da pesquisa atual constituiu-se em interpretar as produções poéticas-musicais do gênero regional visando identificar a formação de seus coletivos na região do Triângulo Mineiro que se agregou ao longo do tempo, tomando como referência teórica a sociologia das associações. Bruno Latour (2019) cria uma perspectiva científica que ao invés de dividir em listas de atores sociais, métodos, categorias conceituais já considerados membros da esfera social, organizou os aspectos da sociologia da associação por tipos de controvérsias em torno do que compõe esse universo de incertezas.

Palavras-chave: Antropologia da Música, Sociologia da Música, Pena Branca & Xavantinho, Música Caipira, Música Sertaneja.

Introdução e justificativa

Este projeto de pesquisa teve o desenvolvimento de etnografias das músicas da dupla caipira Pena Branca e Xavantinho. Foi apresentado como metodologia estabelecendo um

processo de “escutatória”, para a análise tanto poética quanto musical de suas canções. Como resultado das pesquisas, foi finalizado a análise de 37 (trinta e sete) músicas propostas pelos projetos de iniciação científica das alunas, nos quais os referenciais teóricos das músicas foram feitas em torno de perspectivas antropológicas e sociológicas, cujas temáticas perpassam por questões sobre raça/etnia através das discussões do mito da democracia racial estabelecidas entre Florestan Fernandes (2007) e Gilberto Freyre (1997); sobre a docilização dos corpos na sociedade disciplinar realizadas a partir do filósofo francês Michel Foucault (1979); as questões do antropoceno e do multinaturalismo desenvolvidas por Bruno Latour (2012; 2019) e Eduardo Viveiros de Castro (2002); e sobre os aspectos sobre a ruralidade brasileira desenvolvidas por meio do conceito do “Código do Sertão” criado por Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997). Assim, a pesquisa gerou uma grande aventura científica relacionando temáticas musicais com questões teóricas em que compreende a história e a atual contemporaneidade.

Essa pesquisa dispôs do objetivo principal estudar os agrupamentos de coletivos que formam as músicas regionais do Triângulo Mineiro. Como objetivos específicos a pesquisa buscou criar uma conexão de sentido entre: 1) etnografar as criações musicais de poetas e compositores mapeando as temáticas de suas criações, através de suas produções fonográficas (CD's, DVD's, Lives, Canais em Plataformas Digitais); 2) etnografar as interações simbólicas entre os múltiplos agentes sociais envolvidos no gênero musical caipira e sertanejo.

Metodologia

O aspecto central da pesquisa orientou-se no trabalho etnográfico, recurso metodológico (no sentido amplo do termo) desenvolvido pelo campo das ciências sociais. Desde autores considerados clássicos da antropologia como Bronislaw Malinowski em seu famoso livro *Os Argonautas do Pacífico Oriental* (1978) a antropologia se diferencia e, em certo sentido, nutre as outras searas das ciências humanas e sociais com esse recurso de análise. Diferente da antropologia de “varanda” e de “gabinete” desenvolvida pelos precursores das ciências sociais, Malinowski desembarcar nas Ilhas Trobriand e munido de cadernos de campo funda a análise etnográfica moderna, tendo como premissa estabelecer uma relação interpessoal com os nativos através de uma preocupação com a questão da objetividade científica.

Outros autores fizeram importantes trabalhos com esse recurso. Diferente de Malinowski, Clifford Geertz (1985) define a etnografia não como uma ciência que busca leis

universais e objetividades científicas, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados é feita de forma intersubjetiva. A antropologia seria uma espécie de “ciência errante”, pois as interpretações são feitas sempre sobre os ombros dos nativos, isto é, a análise cultural é intrinsecamente incompleta, estranha, irregular, uma espécie de manuscrito incompleto cheio de irregularidades. Entretanto, é através dessas interpretações empíricas microscópicas, conhecendo o fluxo do discurso social que o antropólogo cria um esforço intelectual para formar uma hierarquia estratificada de estruturas significantes, interpretadas através das observações empíricas. Assim, para o autor, contraditoriamente, por mais que os antropólogos fazem interpretações de segunda ou terceira mão à etnografia possibilita que ele consiga criar uma descrição densa e bem detalhada. James Clifford (2008:41) menciona que a antropologia interpretativa de Geertz ao ver as culturas como um conjunto de textos frouxos, contribui para o estranhamento da autoridade etnográfica (conquistada desde a época de Malinowski e do início da etnografia moderna) que foi legitimada pela ciência que descreve o nativo por meio de uma objetividade científica.

Entretanto, torna-se necessário perceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de “outra” realidade, mas através de um discurso polifônico que envolva uma negociação entre a experiência do autor e a experiência das pessoas envolvidas com o tema que o autor está trabalhando.

Dessa forma, o recurso etnográfico nesta pesquisa obteve como objetivo geral a identificação dos diversos atores e agentes sociais que criaram, produziram e escutaram esses estilos musicais propostos no tema, tentando romper com a autoridade geral monológica do autor, direcionando a etnografia para uma espécie de multisubjetividade. Quais são suas narrativas poéticas-musicais expressas em suas produções e composições? Eles cantam sobre quais assuntos? Possuem narrativas poéticas-musicais evolucionistas, multiculturalistas ou multinaturalistas?

Outro recurso utilizado na pesquisa refere-se a análise etnomusicológica (CIRINO, 2009) sobre o fazer musical desses grupos. Apesar de ter um conhecimento muito introdutório sobre o assunto, tivemos como objetivo nessa fase de pesquisa conhecer de uma forma mais sistemática recursos utilizados pela etnomusicologia para interpretar as aproximações e distanciamentos do fazer musical desses estilos musicais. Assim a pesquisa teve como objetivo

específico interpretar e dialogar com as interpretações dos músicos a criação das estruturas musicais (harmônicas, rítmicas e melódicas) das músicas regionais do Triângulo Mineiro.

Resultados e Discussão

As pesquisas de iniciação científica das alunas, analisarão ao longo do diário de bordo as trinta e sete canções a seguir, que estão dispostas na maior parte da discografia da dupla. As canções que foram analisadas, ao longo da pesquisa de iniciação científica são: Alma de Gato; A Mãe do Ricaço; A Mata Gemeu; Bateu a Viola; Calix Bento; Canção dos Herdeiros; Casa de Barro; Cio da Terra; Cuitelinho; Engenho de Flores; Estrelada; Encontro de Bandeiras; Felicidade; Gente que vem de Lisboa/ Peixinhos do Mar; Lavoura e Sonhos; Leilão; Luar do Sertão; Marcolino; Mata Gemeu; Mazzaropi; Minha Floresta; Mocinhas da Cidade; Morro Velho; Mulheres da Terra; Oração ao Camponês; Papo Furado; Planeta Água; Pra que Chora; Quebra de Milho; Queimadas; Que Terreiro é Esse; Quebra de Milho; Rancho Triste; Ribeirão Encheu; Trem das Gerais; Vaca Estrela, Boi Fubá; Velha Morada; Velho Catireiro.

Para efeito de exemplo, analisaremos nesse artigo a canção “Cio da Terra”, composta por Milton nascimento e letrada por Chico Buarque no ano de 1977, que pode ser considerada como o estopim do sucesso de Pena Branca e Xavantinho, na década de 1980, já que, após seu lançamento no álbum “Velha Morada”, a dupla conseguiu alcançar maior reconhecimento nos meios de comunicação e na indústria da música. Essa relevância atribuída a esse lançamento não se restringe somente a história particular dos cantores, mas também pode ser entendida como um marco para a história da música brasileira. Isso porque, ao regravar produções provenientes do MPB, Pena Branca e Xavantinho consolidam o cenário de cooperação entre a Música Popular Brasileira e a música caipira. Vale ressaltar que esse tipo de análise, a seguir, estará no diário de bordo da feira de ciência com as outras trinta e seis canções escolhidas.

Os primeiros trechos da canção Cio da Terra descrevem um tipo de relação harmônica entre os seres humanos e a natureza, a qual relaciona-se com a agricultura familiar: “Debulhar o trigo / Recolher cada bago do trigo / Forjar no trigo o milagre do pão / E se fartar de pão / Decepar a cana / Recolher a garapa da cana / Roubar da cana a doçura do mel / Se lambuzar de mel”. Esse modo de cultivo é caracterizado pelas pequenas propriedades, pouco emprego de tecnologias na produção, cultivo de produtos agrícolas diversos (policultura), baixa utilização de agrotóxicos e comercialização dos produtos é unicamente dirigida ao mercado interno. Nesse

sentido, tais fatores demonstram a importância da agricultura familiar para o coletivo, uma vez que se apresenta como um dos modelos produtivos com maior responsabilidade socioambiental. Isso ocorre porque a agricultura familiar desenvolve-se de acordo com os parâmetros sustentáveis e tem grande importância na renda da população rural.

Um dos principais destaques desse modelo de plantio é o baixo impacto ambiental, pois desenvolve-se em conformidade com a capacidade natural da terra, sem proporcionar seu esgotamento. Um dos reflexos dessa realidade é a relação dos produtores com agrotóxicos que, embora nem todos sejam agroecológicos, os agricultores familiares são protagonistas na produção de produtos livres de defensivos agrícolas, contribuindo, desse modo, para uma melhor qualidade de vida para a população e melhores condições à terra. Com relação ao contexto social, a agricultura familiar gera emprego para cerca de 4 milhões de pessoas, isto é, 74% dos trabalhadores rurais, assegurando, desse modo, a alternativa de permanência das famílias no campo e a diminuição do êxodo rural. Além disso, no Brasil, a produção familiar é indispensável à segurança alimentar do país, já que é responsável por 70% dos alimentos consumidos pela população.

Os versos conseguintes da música demonstram a construção de uma relação afetiva e amorosa entre os seres humanos e os elementos não-humanos do planeta: “Afagar a terra / Conhecer os desejos da terra / Cio da terra, a propícia estação / E fecundar o chão”. Tal visão é análoga ao que propõe Bruno Latour na tentativa de uma transição do antropocentrismo moderno para a constituição de uma câmara comum entre humanos e não humanos (LATOUR, 2019). Na contemporaneidade, há uma divisão evidente entre duas câmaras: a dos humanos e dos não humanos, com o objetivo de criar uma hierarquização entre elas e de consolidar a existência do universo, constituindo o ser humano como o sujeito principal da vivência no mundo. Essa divisão cartesiana propicia a devastação e esgotamento dos recursos naturais, já que a segunda câmara (dos não humanos) deve servir à primeira câmara (humanos). Em recusa a esse pensamento de subordinação, Latour propõe a substituição de ideia de universo para a do pluriverso, na qual todas as vivências são consideradas unas e igualmente importantes, sem a permanência de níveis hierárquicos entre si. Desse modo, as duas câmaras seriam convertidas em uma nova câmara comum de relação harmônica entre as partes constitutivas

Apesar de sua extrema importância para o país, a agricultura familiar não corresponde ao principal processo de execução da produção agrícola, sendo a agricultura convencional o

maior destaque. Tal modelo de plantio, popularmente conhecido como agronegócio, apresenta características contrárias ao modelo de agricultura apresentado anteriormente: seu principal objetivo é a produção em larga escala, todo processo de produção é mediado por tecnologias avançadas, há a utilização demasiada de agrotóxicos, a monocultura é o princípio da produção e a comercialização dos produtos é preponderantemente voltada para o mercado externo. Devido a esses fatores, o agronegócio tem provocado a degradação do meio ambiente e propiciado diversas consequências negativas tanto aos consumidores como aos trabalhadores.

Esse fenômeno ocorre, pois pela produção de gêneros agrícolas, mesmo que mediada por tecnologias modernas, admite a exploração desenfreada do meio ambiente para o pleno fornecimento das demandas do mercado. Como por exemplo, para a inserção do cultivo agrícolas, os produtores retiram a vegetação original do local - em alguns casos por meio das queimadas, processos extremamente prejudicial à fauna e flora - causando a ruptura do decurso natural da reciclagem do solo, perda da biodiversidade vegetal, compactação do solo, assoreamento dos rios e diminuição da fauna local, já que os animais típicos da região obterão problemas para encontrar alimentos, obrigando-os a migrarem do local e, desse modo, apresentarão dificuldades a reprodução.

O uso indiscriminado de agrotóxicos é outro fator preocupante da agricultura convencional, revelam sequelas alarmantes aos trabalhadores e suas famílias com casos de malformações congênitas e presença de substâncias tóxicas no leite materno, as quais, segundo especialistas, evidenciam riscos aos bebês.

Assim, nota-se como o modelo de produção do agronegócio é alicerçado em uma lógica de dominação do homem na natureza. Tal pensamento está diretamente ligado à visão de Francis Bacon, filósofo empirista do século XXI, que compreendia a ciência como o meio pelo qual os indivíduos devem instaurar o “Imperium Hominis”, império dos seres humanos em todas as áreas da vida, como forma de proporcionar a prosperidade humana. Ou seja, os seres humanos se estabelecem como os principais e maiores seres da Terra e, desse modo, tem o dever de subjugar e dominar todos os outros elementos existentes. Na agricultura convencional, a tecnologia tem exatamente essa função: estabelecimento de uma relação desarmônica entre humanos e não humanos.

Conclusões

Pena Branca & Xavantinho, oriundos de Uberlândia, conforme explicitado na música Cio da Terra, desenvolveram uma das estéticas musicais mais inusitadas e geniais da música brasileira, fazendo um percurso estético contrário dos grandes cantores e movimentos musicais das décadas de 1960, 1970 e 1980, ao regravar canções tropicalistas, de bossa nova, MPB e de outros movimentos estéticos em estilo caipira. Enquanto autores urbanos da nossa música brasileira, tais como Tom Jobim, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Milton Nascimento, Guilherme Arantes, Renato Teixeira, Inezita Barroso, Rolando Boldrim, dentre vários outros, buscavam regravações dos cancioneiros rurais, a dupla uberlandense estetizavam tais canções para seu universo rural do distrito de Cruzeiro dos Peixotos e do bairro Patrimônio, territórios que habitaram na cidade de Uberlândia até a década de 1960, antes de partirem para tentar a vida de músicos em São Paulo.

Apesar das desventuras da década de 1970 na capital metropolitana paulista, no início da década de 1980, começaram a ganhar um reconhecimento em vários meios musicais, sobretudo, nos programas de televisão de Inezita Barroso e Rolando Boldrim, além do forte reconhecimento da turma mineira do Clube da Esquina, sobretudo Milton Nascimento (que gravou alguns LP's com a dupla) e de cantores consagrados no cenário da MPB, tais como Chico Buarque, Caetano Veloso e Renato Teixeira.

Ademais, essa perspectiva estética totalmente contrária a tudo na música brasileira, sociologicamente, trouxe vários problemas para a dupla, muitas vezes, atacadas por jornalistas, folcloristas, historiadores e sociólogos puristas que não concordavam com suas experimentais estéticas, para além do mundo rural idealizado e romantizado, por esses acadêmicos. Isso custou um certo ostracismo, após o lançamento do LP e CD *Ribeiro Encheu* (1995), produzido por Tavinho Moura, cuja estética dialoga com instrumentos modernos, tais como teclados e sintetizadores.

Apesar dessas desventuras e críticas dos essencialistas que desejavam preservá-los como um museu do passado, Pena Branca & Xavantinho foi a dupla caipira e sertaneja mais premiada nesses gêneros musicais, superando várias duplas do *mainstream*, tais como Chitãozinho & Xororó, Zezé de Camargo & Luciano, até os sertanejos universitários ganhando vários prêmios *Sharps* até Grammy Latino.

Referências

CIRINO, Giovanni. Narrativas musicais: performance e experiência na música popular instrumental brasileira. São Paulo: Annablume, 2009.

CLIFFORD, James. A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2008.

FERNANDES, Florestan. O Negro no Mundo dos Brancos. São Paulo: Global, 2007.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Homens livres na ordem escravocrata. 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp. 1997.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30a ed., Rio de Janeiro: Record. 1997.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1985.

LATOUR, Bruno. Políticas da natureza: como associar as ciências à democracia. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

_____. Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

MALINOWSKI, B. Argonautas do pacífico ocidental. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2002.